

PROPOSTA E APLICAÇÃO DE ATIVIDADE PARA O ENSINO MÉDIO SOBRE A FORMA DE EXPRESSÃO DO SUPERLATIVO E COMPARATIVO: O CASO DO LINGUAJAR DO GAÚCHO

Ana Paula Moraes dos Passos¹
Sabrina Pereira de Abreu²

RESUMO

A pesquisa que aqui se apresenta trata da expressão do grau comparativo e superlativo do adjetivo no dialeto do gaúcho. Essa investigação pautou-se em critérios etimológicos, morfológicos e semânticos. Sendo assim, foi possível apontar as raízes latinas da expressão do grau na Língua Portuguesa, bem como apresentar a influência da gramática greco-latina na gramática portuguesa de cunho normativo. Além disso, investigou-se a catalogação dos morfemas no que tange à divisão entre flexão e derivação. Para tanto, valeu-se dos estudos do linguista Câmara Jr., a fim de caracterizar ambos os processos. A revisão bibliográfica, sobretudo as contribuições dos gramáticos tradicionais, forneceu fomento para uma discussão entre a teoria e os dados coletados com a aplicação de uma proposta de atividade elaborada para uma turma de Ensino Médio. Por fim, evidenciou-se os resultados finais da aplicação dessa atividade.

Palavras-chave: Grau; Flexão e Derivação; Sufixos.

INTRODUÇÃO

O presente artigo dedica-se ao estudo do superlativo e do comparativo; em especial, focaliza as formas de expressão do superlativo encontradas no dialeto dos gaúchos. Como se sabe, afora as formas superlativas oficialmente incorporadas à tradição gramatical - o superlativo sintético (*Ela é altíssima! Ela é magérrima!*) e o analítico (*Ela é muito alta! Ela é muito magra!*), empregados em contextos formais, há outras formas de expressar a noção de escalaridade veiculada pelo grau aumentativo que são pouco exploradas e mencionadas em estudos tradicionais como, por exemplo, a marcação de grau com o acréscimo de sufixos aumentativos junto a bases adjetivas. Assim, este trabalho, ao focalizar palavras e expressões comumente utilizadas para expressar o grau aumentativo e comparativo no dialeto dos gaúchos, assume dois objetivos: [1] identificar essas formas de expressão de intensidade, a despeito das formas já consagradas, como adjetivos e advérbios; e [2] a partir do levantamento dessas expressões e do reconhecimento do sentido que elas veiculam, verificar se os alunos do Ensino Médio conseguem reconhecer a expressão do grau aumentativo e comparativo no linguajar gaúcho.

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Graduada em Letras Português pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

² Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Assim, com este trabalho, pretendo estudar um tópico de morfossintaxe levando em consideração a variante regional empregada no Rio Grande do Sul, mais especificamente, na região campeira. Viso analisar vocábulos e expressões superlativas e comparativas próprias do linguajar do gaúcho no âmbito de um texto específico.

O *corpus* desta pesquisa foi coletado em uma turma de Ensino Médio da rede pública estadual gaúcha. A metodologia consistiu na análise do conto *O negro Bonifácio*, de autoria do conceituado escritor tradicionalista Simões Lopes Neto, a fim de identificar as ocorrências de sufixos e estruturas linguísticas que expressam grau superlativo ou comparativo e, a partir disso, elaborar uma atividade sobre o assunto, que foi aplicada a alunos do Ensino Médio.

O desenvolvimento do trabalho se organiza em quatro seções: na (1), apresento a revisão da bibliografia sobre o assunto; na (2), os procedimentos metodológicos para a elaboração do instrumento de pesquisa, para a aplicação do instrumento de pesquisa e para a organização dos dados; na (3), a discussão dos dados; na (4) a análise dos resultados; por fim, as considerações finais.

1. A EXPRESSÃO DO GRAU SOB UM VIÉS DIACRÔNICO

Como sabemos, a gramática greco-latina serviu de modelo para a estruturação e descrição da gramática da Língua Portuguesa. Muitos conceitos e regras latinas do bem-falar e escrever foram mantidos nas gramáticas portuguesas de cunho normativo. No que tange ao grau não foi diferente, visto que a expressão de grau como um caso de flexão prevaleceu nas gramáticas tradicionais de Língua Portuguesa.

Com o propósito de explicitar as contribuições da gramática latina na questão do grau do adjetivo, abrirei essa seção com as pesquisas históricas de Joaquim Mattoso Câmara Jr. sobre essa categoria linguística.

De acordo com Câmara Jr. (1979, p. 86), o grau em latim é expresso por meio de desinências que acompanham o adjetivo. Tais desinências têm por finalidade indicar o maior grau da qualidade do adjetivo entre duas situações a que ele simultaneamente faz referência, portanto estamos diante de um caso de comparação.

O autor explica que em latim o comparativo ocorre com o acréscimo da desinência

-ior junto a bases adjetivas masculinas e femininas. Já no gênero neutro, ocorre o acréscimo da desinência *-ius*. “O adjetivo, assim flexionado, concordava em gênero, número e caso com o substantivo a que sobrelava e que se opunha a outro no caso ablativo” (p. 86).

O superlativo, por sua vez, é marcado pela desinência *-issim*, seguido pela desinência casual e se atrela a um substantivo no caso genitivo plural. Segundo o linguista, a desinência marcadora do superlativo tem por finalidade indicar um aumento da qualidade acima do normal.

Julgo importantes os apontamentos acima acerca da forma como a gramática latina marca a gradação, pois, com certeza, facilitarão o entendimento dos assuntos tratados nas seções subsequentes. Na próxima seção, a fim de registrar minha posição sobre o clássico problema que envolve a expressão do grau no âmbito dos estudos linguísticos, aprofundarei a discussão sobre os processos ditos flexionais e dos ditos derivacionais.

1.2 Flexão e derivação sob a ótica da gramática tradicional

Antes de apresentar o entendimento dos linguistas sobre a expressão do grau no português, considero pertinente explicitar as contribuições da gramática tradicional ao estudo desse tópico.

Os estudiosos tradicionais tratam a questão do grau como uma categoria linguística que expressa variação de grandeza e estabelece uma relação quantitativa ou afetiva entre significações nominais ou verbais.

Os gramáticos, de um modo geral, consideram o grau como flexão de substantivos e adjetivos, equiparando-o ao gênero e ao número. Cunha e Cintra (2008), em sua gramática intitulada *Nova gramática do português contemporâneo*, afirmam que tanto o substantivo quanto o adjetivo podem variar em número, gênero e grau.

Ater-me-ei no estudo do grau; em especial, na expressão do superlativo (adjetivos), visto que este artigo tem por finalidade elaborar uma proposta de exercício que propicie aos alunos do Ensino Médio refletir sobre as estratégias superlativas encontradas na fala dialetal dos gaúchos. Citarei também o grau comparativo de igualdade e de superioridade na próxima seção, devido às ocorrências de estruturas linguísticas comparativas peculiares ao linguajar do gaúcho no conto em estudo. Todavia, reafirmo, a ênfase recai sobre o grau superlativo. Mencionarei, primeiramente, o grau aumentativo (substantivos) a fim de evidenciar os sufixos *-aça*, *-aço*, *-ão* apresentados como veremos, na subseção 1.3, como morfemas indicadores de grau do substantivo. A relevância do apontamento do grau aumentativo (substantivos) culminará na seção 3, visto que mostrarei que esses sufixos se aproximam tanto de bases substantivas quanto adjetivas. Para tanto, julgo importante apontar o grau do substantivo na revisão de literatura.

Cunha e Cintra (2008, p. 212) chamam a atenção para o que se denomina *aumentativo* e *diminutivo*, no caso dos substantivos, pois nem sempre, de fato, indicam o aumento ou a diminuição de tamanho de um ser. Segundo esses autores, as formas analíticas expressam melhor a ideia de escalaridade.

Na concepção desses estudiosos, os sufixos aumentativos, normalmente, sugerem as ideias de ‘desproporção, que é disforme, brutalidade, grosseria ou coisa desprezível’. Dessa forma, o valor semântico é pejorativo e não aumentativo.

Cunha e Cintra fazem a seguinte observação acerca da questão do grau:

A rigor, a flexão de GRAU é pertinente ao adjetivo. Admitimos, porém, a existência de três graus para o substantivo- o NORMAL, o AUMENTATIVO e o DIMINUTIVO- em consonância com a Nomenclatura Gramatical Brasileira e a Nomenclatura Gramatical Portuguesa, que, neste ponto seguem uma longa tradição no ensino do idioma. (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 213)

Em relação aos adjetivos, os autores identificam dois graus: o comparativo e o superlativo.

Outros gramáticos também compartilham da mesma opinião em relação à questão da flexão em gênero, número e grau dos substantivos e adjetivos. Entre esses gramáticos, podemos citar Bechara (1987), Cegalla (2008) e Luft (1987).

É importante registrar que tanto Bechara quanto Luft reconheceram, com o passar do tempo³, que o grau não pode ser tratado como um caso de flexão. Bechara, por sua vez, faz a seguinte correção:

O grau, entretanto, não constitui, no português, um processo gramatical e, assim, deve ser excluído da nossa descrição como tal, à semelhança do que já fazem gramáticas de outras línguas românicas. O grau, com estas reservas, figura aqui, por ter sido ainda contemplado pela NGB. A gradação em português, tanto no substantivo quanto no adjetivo, se manifesta por procedimentos sintáticos, e não morfológicos, como era em latim, ou por sufixos derivacionais. (BECHARA, 2007, p. 145)

Já Celso Pedro Luft, em seu *Novo Manual de Português*, apresenta uma nota de rodapé com o objetivo de esclarecer o grau do adjetivo:

Desinência de grau só existe nos quatro comparativos sintéticos *maior/ menor, menor/ pior*, com a desinência *-(i)or*, mera sobrevivência do latim;

³ Bechara na 31ª edição de sua *Moderna gramática portuguesa* catalogava a questão do grau como um caso de flexão. Já na 37ª edição da mesma obra, o gramático admite ser o grau do substantivo e do adjetivo um caso de derivação. O gramático Luft também muda sua postura em relação ao fenômeno do grau. Tal constatação se fundamenta ao compararmos as seções destinadas ao grau das obras *Moderna gramática brasileira* (1987) e *Novo Manual de português* (1991).

-(i)or não é mais funcional em nossa língua: não se anexa mais a temas adjetivos (cf. lat. *Fort-ior, pulchr-ior...*) e nem sequer é destacável naquelas 4 formas (ma-ior, pior [pe-ior]). (LUFT, 1991, p. 94)

No que tange aos substantivos, o autor limita-se a mencionar como categorias gramaticais do substantivo as flexões de gênero e número. Dessa vez, não apresentando o grau como um caso de flexão.

É importante registrar que Luft, ao contrário dos outros gramáticos tradicionais citados, é o único a evocar a ideia de que as formações superlativas indicam afetividade, embora frise que sejam raras tais ocorrências. Traz como exemplos as seguintes palavras: *anjíssimo, coisíssima, barbadíssima, orelhíssimo e narizíssimo*. Todos os gramáticos mencionados concordam que o emprego mais usual dos superlativos é em sentido pejorativo ou depreciativo.

1.3 Mecanismos indicadores de grau

De acordo com Cegalla (2008), o grau dos substantivos é a forma que essa classe tem de expressar as variações de tamanho dos seres. São dois os graus de que dispõe a língua: o aumentativo e o diminutivo.

O autor explica que o grau aumentativo pode ser formado sinteticamente ou analiticamente. O processo sintético ocorre por meio do acréscimo de sufixos a bases substantivas. Cegalla elenca os sufixos mais comuns nesse processo: *-aça, -aço, -alha, -ão, -arra, -ázio, -ona, -orra, -uça e -aréu*.

Já o processo analítico ocorre com o auxílio de adjetivos como *grande*, ou outros equivalentes. São exemplos: letra *grande*, pedra *enorme*, estátua *colossal*, obra *gigantesca*, planície *imensa*.

Para o gramático, o grau do adjetivo expressa a intensidade das qualidades dos seres. O estudioso divide o grau em comparativo e superlativo. Posteriormente, estabelece três novas ramificações em relação ao comparativo. O comparativo pode ser de igualdade, de superioridade ou de inferioridade.

Interessa aqui o grau comparativo de superioridade e de igualdade, visto que ocorreram registros no *corpus* desta pesquisa desses dois casos, todavia com outras estruturas linguísticas, como mostrarei adiante.

O grau comparativo de igualdade é empregado quando há a intenção de comparar qualidades entre dois seres. A comparação é realizada com o auxílio das palavras *tão, como* ou *quanto*.

(1) Sou *tão* alto *como* (ou *quanto*) você.

O grau comparativo de superioridade ainda subdivide-se em analítico ou sintético. Encontramos em Cegalla (2008, p.169) os exemplos que seguem:

Analítico: (2) Sou *mais* alto (do) que você.

Sintético: (3) o sol é *maior* (do) que a Terra.

Forma-se o comparativo de superioridade antepondo-se o advérbio *mais* e pospondo-se a conjunção *que* ou o segmento *do que* ao adjetivo.

O pesquisador explica que o grau superlativo é empregado em um grau muito elevado. O superlativo pode ser absoluto ou relativo. O primeiro caso é expresso por meio de processos sintáticos, enquanto o segundo por processos morfológicos.

O grau absoluto analítico, diz Cegalla (2008, p. 16), é expresso por meio dos advérbios *muito*, *extremamente*, *excepcionalmente*, *etc.*, antepostos ao adjetivo. Já o superlativo absoluto sintético pode revelar-se de duas formas: uma erudita e outra de origem vernácula. A forma erudita é formada de um adjetivo latino juntamente com um dos sufixos *-íssimo*, *-imo* ou *-érrimo*. A forma vernácula ocorre ao acrescentar o sufixo *-íssimo* a uma base adjetiva. Nesse último caso, não são levadas em consideração algumas regras pré-estabelecidas pela gramática latina.

De acordo com os autores citados nesta seção, pode-se resumir os mecanismos de expressão do grau no português através de um quadro, como se vê a seguir:

Gramáticos	Grau do substantivo	Grau do adjetivo
Bechara (1987)	Aumentativo: analítico e sintético Analítico: homem <i>grande</i> , homem <i>pequeno</i> Sintético: homenzarrão, homenzinho	Comparativo: igualdade e superioridade Superlativo: relativo e absoluto ou intensivo Absoluto: analítico e sintético
Luft (1991)	Aumentativo: analítico e sintético Analítico: homem <i>grande</i> (enorme, imenso) Sintético: homenzarrão, rapagão, cabeçorra	Comparativo: igualdade Superioridade: analítico e sintético Superlativo: Relativo: de superioridade e inferioridade Absoluto: analítico e sintético
Cunha e Cintra (2008)	Aumentativo: analítico e sintético Analítico: chapéu <i>grande</i> , boca <i>enorme</i> , chapéu <i>pequeno</i> , boca minúscula Sintético: chapelão, bocarra	Comparativo: superioridade, igualdade Superlativo: relativo e absoluto Absoluto: analítico e sintético

Quadro 1. Mecanismos de flexão do grau no português de acordo com os gramáticos Bechara, Luft e Cunha e Cintra.

Os gramáticos Luft (1991), Cunha e Cintra (2008) e Bechara (1987), todos de cunho normativo, também adotam a mesma classificação quanto aos mecanismos de expressão de grau do substantivo e do adjetivo.

Na próxima seção, apresentarei a visão de Câmara Jr. sobre o assunto.

1.4 Flexão e derivação na concepção de câmara jr.

Nesta seção, apresentarei novamente as considerações de Joaquim Mattoso Câmara Jr. para tratar da expressão do grau no português. Julgo que as reflexões desse linguista podem ampliar o estudo desenvolvido pelos gramáticos tradicionais, proporcionando-nos uma noção mais sólida e abrangente sobre os processos de flexão e derivação.

Contrariando as afirmações dos autores apontados na primeira etapa deste trabalho em relação aos processos de flexão e derivação, Câmara Jr. adota alguns critérios ao estabelecer uma distinção entre esses dois mecanismos.

De acordo com o autor, na flexão, o processo, obrigatoriamente, deve ser sistemático e coerente. Essas características são exigidas pela natureza da frase. Câmara Jr. assim argumenta:

É a natureza da frase que nos faz adotar um substantivo no plural ou um verbo na 1ª pessoa do pretérito imperfeito. Os morfemas flexionais estão concatenados em paradigmas coesos e com pequena margem de variação. Na língua portuguesa há ainda outro traço característico para eles. É a concordância, decorrente na sua repetição, ainda que por alomorfes, nos vocábulos encadeados. Há a concordância de número singular e plural e de gênero masculino e feminino entre um substantivo e seu adjetivo, como há concordância de pessoa gramatical entre o sujeito e o verbo, e depende da espécie de frase a escolha da forma temporal e modo do verbo. (CÂMARA JR., 2004, p. 81)

Dessa forma, os substantivos e os adjetivos são passíveis das flexões de gênero e de número sucessivamente nessa ordem. O gênero é marcado pelo sufixo flexional ou desinência *-a* designando feminino. A flexão de número é representada pelo sufixo flexional ou desinência *-s*.

Por outro lado, a questão do grau caracteriza-se, de acordo com as evidências apontadas por Câmara Jr., como um processo derivacional. O linguista assim explica:

As palavras derivadas, com efeito, não obedecem a uma pauta sistemática e obrigatória para toda uma classe homogênea do léxico. Uma derivação pode aparecer para um dado vocábulo e faltar para um vocábulo congênere. [...] Os morfemas gramaticais de derivação não constituem assim um quadro regular, coerente e preciso. Acresce a possibilidade de opção, para usar ou deixar de usar um vocábulo derivado. (CAMARA JR., 2004, p. 80)

O estudioso discorda do posicionamento dos gramáticos tradicionais Cegalla e Cunha e Cintra⁴ em relação à atribuição do grau ao processo de flexão, já que, não há obrigatoriedade de se adotar o adjetivo com o acréscimo do sufixo que expressa o superlativo ou grau intenso. Segundo ele, trata-se de uma questão de estilo ou de preferência pessoal. Argumenta, ainda, que não é possível estabelecer uma sistematização coerente para o grau dos adjetivos como ocorre no caso da flexão de gênero e número.

O linguista explica que, na gramática latina, o morfema *-issimus* era considerado um caso de flexão assim como o morfema *-ior*, pois ambos eram sempre empregados junto a bases adjetivas com a finalidade de indicar a relação de comparação. Todavia, o mesmo não se verifica na língua portuguesa, visto que a marcação de grau não ocorre através de um processo morfológico, mas por meio de mecanismos sintáticos. Em latim, o emprego do *-issimus*, para indicar um padrão de frase comparativo, trata-se de um processo sistematizado e regular, por isso a catalogação de flexão nominal. A simples transposição das regras latinas, sem nenhuma reflexão acerca dos fenômenos linguísticos, resultou nos grandes equívocos cometidos pela tradição gramatical.

Em síntese, o quadro abaixo sintetiza as principais contribuições de Câmara Jr. sobre a expressão do grau no português.

FLEXÃO	DERIVAÇÃO
Regularidade Os morfemas flexionais, obrigatoriamente, apresentam-se de forma sistêmica e coerente.	Irregularidade Os morfemas derivacionais não seguem uma pauta sistemática e obrigatória.
Concordância Os morfemas flexionais são impostos pela natureza da frase.	Não concordância Os morfemas derivacionais não são impostos pela natureza da frase.
Não –opcionalidade Os morfemas flexionais não dependem da vontade do falante para serem acionados.	Opcionalidade Os morfemas derivacionais podem ser acionados ou não, visto que depende da vontade do falante.

Quadro 2. Contribuições de Câmara Jr. Fonte: Câmara Jr. (2004, p. 80)

Como se vê, os dois processos são opostos um em relação ao outro quando adotamos os critérios do autor: regularidade/irregularidade, concordância/não concordância, não-opcionalidade/opcionalidade. Com esses critérios propostos por Câmara Jr., percebi que a flexão e a derivação são fenômenos distintos. Dessa forma, concordo com Câmara Jr. quando ele afirma que não é possível classificar o grau do adjetivo como um caso de flexão, visto que o mesmo não atende aos mesmos critérios adotados na classificação do gênero e do número do substantivo e adjetivo.

⁴ Os gramáticos Bechara e Luft, conforme foi mencionado anteriormente, acabaram reconhecendo que o grau não pode ser considerado um mecanismo de flexão.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS: ELABORAÇÃO E APLICAÇÃO DO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Nesta seção, apresentarei os procedimentos metodológicos adotados desde a escolha do texto até a formulação da atividade proposta para os alunos do Ensino Médio de uma escola estadual de Canoas. Procederei a uma análise das seis questões elaboradas com base no conto gauchesco *O negro Bonifácio* de autoria do escritor gaúcho Simões Lopes Neto. Com base nas respostas, pretendo verificar como alunos do Ensino Médio identificam o grau em vocábulos e expressões pertencentes ao dialeto regional gaúcho. Além disso, objetivo averiguar o sentido que os estudantes atribuem a tais vocábulos e expressões.

2.1 Sujeitos da pesquisa

Participaram da pesquisa dezesseis (16) dos vinte e dois (22) estudantes de uma turma do primeiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual José Gomes de Vasconcelos Jardim, localizada na cidade de Canoas no estado do Rio Grande do Sul. Durante todo o ano letivo de 2013, trabalhei com quatro primeiros anos do Ensino Médio, ministrando a disciplina Língua Portuguesa. Optei por selecionar uma das turmas pelo critério de participação em aula e interesse demonstrado pelos alunos no decorrer do ano letivo. A turma selecionada, de um modo geral, manifestou especial interesse pelos fenômenos da língua, por esse motivo julguei que a atividade seria mais proveitosa, tendo em vista o alto grau de motivação dos alunos.

Em relação à idade dos estudantes, constatei que 50% dos alunos estão na faixa etária dos 15 anos, 25 % na faixa etária dos 16 anos e 25% na faixa etária dos 17 anos. A metade dos sujeitos que participaram da pesquisa nunca reprovou até o presente momento, visto que a idade coincide com a esperada para a série em questão.

2.2 Elaboração do instrumento de pesquisa

A escolha do tipo textual conto justifica-se por ser familiar ao grupo de estudantes selecionados, pois foi um dos conteúdos trabalhados durante o ano letivo de 2013. Além disso, os contos campeiros rio-grandenses do escritor Simões Lopes Neto são todos escritos na linguagem regional do estado do Rio Grande do Sul. Tendo em vista que o presente artigo visa investigar a expressão do superlativo e do comparativo no dialeto do gaúcho, a escolha desse conto como ponto de partida para a elaboração da atividade vem ao encontro do objetivo da pesquisa.

Dentre os dezenove contos que compõem o clássico *Contos Gauchescos*, de Simões Lopes Neto, selecionei o conto *O Negro Bonifácio* por tratar-se de uma história em que Blau Nunes, narrador de todos os contos da obra, evidencia, por meio de vocábulos e expressões, a grandeza, a valentia e a ousadia do gaúcho. Destaca, também, a beleza da mulher gaúcha representada pela personagem Tudinha. Todas as ações dos protagonistas são narradas com a intenção de ressaltar a figura do gaúcho. Para tanto, o autor recorre às estratégias superlativas como veremos na seção 4.

As questões elaboradas, com base no conto mencionado, foram pensadas e propostas com a finalidade de verificar se os alunos do primeiro ano do Ensino Médio localizariam, no conto, termos ou expressões qualificadoras, ou seja, adjetivos. Testei o reconhecimento do grau comparativo de igualdade e superioridade e também o grau superlativo absoluto sintético. Solicitei a transposição de adjetivos para o grau superlativo analítico. Procurei, ainda, verificar o conhecimento lexical do dialeto em estudo. Abaixo, seguem as questões aplicadas:

- 1) *No início do conto, são apresentados os protagonistas da história: o negro e a Tudinha. O autor utiliza palavras e expressões para caracterizar positiva e/ou negativamente os personagens. Liste quais foram as palavras ou expressões empregadas pelo autor do texto para qualificar ou caracterizar esses personagens.*
- 2) *Leia o trecho abaixo e, a seguir, procure descrever brevemente o significado das palavras em destaque.*

(...) Em quatro paletadas, desmunhecando uns, cortando outros, esgaravatando outros, enquanto o diabo esfrega o olho, o chão ficou **estivado** de gente **estropiada**, espirrando a **sangueira** naquele reduto.

É verdade também que ele estava todo **esfuracado**: a cara, os braços, a camisa, o tirador, as pernas, tinham mais lanhos que a picanha de um reiudo empacador: mas não quebrava o corincho, o **trabuzana!**

- 3) *O autor Simões Lopes Neto faz uso de uma série de palavras e expressões para exprimir quantidade e intensidade de nomes. Identifique essas palavras e expressões.*
- 4) *Com base na resposta anterior, e levando em conta o contexto em que as palavras de sentido aumentativo ocorrem, explique qual foi a intenção do escritor ao fazer uso desses aumentativos?*
- 5) *Passe os adjetivos *perdidaço*, *forçudo* e *ginetaço* para o grau superlativo analítico.*
- 6) *No conto em estudo, as seguintes expressões foram empregadas com a finalidade de estabelecerem qual tipo de relação?*

() causa e consequência

() comparação

() concessão

“Lindaça como o sol, fresca como uma rosa!...”

“(...) lustrosos como dente de cachorro novo.”

“(...) macios como treval, doces como mirim, frescos como polpa de guabiju...”

“(...) grandes como um pires...”

“(...) tinham mais lanhos que a picanha de um reiuno empacador....”

“(...) ligeira como um gato.”

“(...) O negro urrou como um touro na capa...”

2.3 Aplicação

A aplicação foi realizada no terceiro trimestre do ano de 2013. Vinte e dois alunos levaram as autorizações para a participação na pesquisa, todavia apenas dezesseis alunos compareceram à aula na data combinada para a aplicação da atividade.

Durante a leitura do conto, os estudantes demonstraram muita dificuldade em relação ao vocabulário. Mesmo tratando-se de estudantes nascidos e criados no estado do Rio Grande do Sul, foi necessário oferecer um glossário aos alunos, pois o dialeto empregado é de conhecimento e uso do gaúcho campeiro. Possivelmente, estudantes que frequentam escolas localizadas na zona rural do estado não apresentariam tantas dificuldades nesse sentido. É importante registrar, ainda, que os *Contos gauchescos* foram editados pela primeira vez em 1912. Mais de cem anos depois, certamente, o vocabulário, mesmo do gaúcho campeiro, já sofreu mudanças significativas.

3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS DA APLICAÇÃO DA ATIVIDADE

Os gramáticos Cunha e Cintra (2008) alertam para o fato do grau do substantivo nem sempre indicar aumento ou diminuição dos seres. Para eles, as formas analíticas indicam escalaridade, enquanto os sufixos aumentativos expressam ‘desproporção, brutalidade, grosseria ou algo desprezível’. Semanticamente, então, o processo sintético é pejorativo e não aumentativo.

Analisando o questionário, constatei, com base nas respostas obtidas, que os valores semânticos são muito mais amplos do que os apontados pelos estudiosos mencionados anteriormente.

A questão 3, por exemplo, solicitou que os alunos indicassem palavras e expressões empregadas no conto *O negro Bonifácio* para exprimir quantidade e intensidade de nomes. As principais palavras apontadas foram as seguintes: *buaça, lindaça, perdaço, ginetço, fachadão e bolaço*.

Todos os vocábulos, de fato, expressam o traço de intensidade, todavia semanticamente apresentam outros sentidos subsidiários. Cabe reforçar que Cunha e Cintra reconhecem, afora a ideia de aumentativo, somente o sentido pejorativo em relação às formas sintéticas. Com essa pesquisa, identificamos a ocorrência de outros significados para os nomes em estudo.

Primeiramente, convém registrar que, como mostrei, todos os gramáticos consultados admitem o grau aumentativo sintético somente para a classe gramatical substantivo. Entretanto, os vocábulos *buaça, lindaça, perdaço* e *ginetço* são considerados, levando em conta os preceitos da gramática tradicional, adjetivos. Tal classificação gramatical se confirmou também quando levamos em conta o contexto em que aparecem os termos.

A tradição gramatical reconhece que a gradação do adjetivo pode ser expressa em português por processos sintáticos ou morfológicos. Todavia, os processos morfológicos, genuinamente incorporados aos estudos tradicionais, resumem-se nos seguintes sufixos: *-íssimo, -imo* e *-érrimo*. É importante registrar que o escritor Simões Lopes Neto não utilizou no conto *O negro Bonifácio* nenhum adjetivo com o acréscimo do sufixo *-íssimo* e suas variações.

A partir dessa observação, parece que o gaúcho campeiro não utiliza, em seu dialeto local, as formas superlativas oriundas da gramática latina. Talvez essa afirmação pareça muito imprecisa, pois a atividade proposta nesta pesquisa está ancorada em um único conto regionalista; entretanto, fica muito evidente que Simões Lopes Neto lançou mão demasiadamente de estratégias superlativas com o intuito de intensificar os atributos e as ações dos personagens envolvidos no conto.

Feitas essas ressalvas, procederei à análise dos sentidos que emanam dos morfemas *-aço* e *-ão*. Ao analisarmos o traço avaliativo dos sufixos *-aço* e *-ão*, percebemos que esses não se limitam aos significados depreciativos. O valor melhorativo possui maior produtividade. Da mesma forma, em português, o *aço* possui mais a noção melhorativa do

que depreciativa. Isso se constata quando a ideia se configura como significado e também quando se apresenta como traço semântico.

Foram apontadas pelos alunos 3 formações com valor semântico melhorativo, a saber: *buenança* (muito boas, das melhores), *lindaça* (muito linda), *ginetaço* (bom ginete, bom cavalheiro).

Com valor pejorativo encontrei somente o vocábulo *perdidaço*, de acordo com o significado esclarecido ao pé da página da obra *Contos Gauchescos*, quer dizer indivíduo para lá de perdido, desregrado. Dessa forma, as ocorrências de significado melhorativo são superiores ao valor pejorativo.

O sufixo *-aço* também pode indicar o valor de golpe de acordo com o dicionário Houaiss. Já o dicionário Caldas Aulete, inclui o valor de ação, porém sempre associado à ideia de intensidade ou excesso:

-aço: “aumento; que é muito (certa qualidade); dada ação caracterizada pelo excesso; algo em excesso (esp. Barulho): amigaço, bandidaço, ricaço; mulheraçõ, badernaço, apitaço, buzinaço.

No corpus desta pesquisa, encontrei o vocábulo *bolaço* (golpe com boleadeira) que indica, ao mesmo tempo, o significado de golpe e de intensidade. O sufixo *-aço* pode expressar os traços de intensidade e de grandeza. Todavia, nesse estudo específico, verificamos apenas os traços de intensidade.

Ao analisar os significados avaliativos do vocábulo em que ocorre o sufixo *-ão*, averigui a noção melhorativa no termo *fachadão* que quer dizer, de acordo com o glossário elaborado a partir do Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul, de boa aparência.

Por meio dessa análise, percebe-se que os sufixos aumentativos *-aço* e *-ão* contribuem mais na atribuição de traços avaliativos para os termos derivados. Entretanto, esses sufixos costumam ser classificados como pejorativos nas gramáticas normativas.

Ainda na seção 2, destinada a tratar da flexão e derivação, mostrei que os estudiosos citados apontam que o substantivo e o adjetivo flexionam em gênero, número e grau. Concordei com a ideia de que ocorre a flexão em gênero e número dessas classes, porém adotei a posição do linguista Joaquim Mattoso Câmara Jr., citado na seção 1.4 desse artigo, pelas evidências apontadas em relação ao grau dos adjetivos.

Câmara Jr. concorda com os gramáticos tradicionais em relação à flexão de gênero e número dos nomes, todavia trata o grau como um caso de derivação devido à falta de regularidade. Ele acrescenta, ainda, que o uso de um vocábulo derivado fica a critério do usuário da língua.

A ausência do superlativo absoluto sintético no conto *O negro Bonifácio* confirma a teoria do linguista a respeito da opcionalidade do falante. O termo falante foi empregado no sentido denotativo da palavra, visto que o conto em questão originou-se de narrativas orais e apresenta em vários pontos o marcador da oralidade *escuite* que supõe um locutor (falante) e um interlocutor (com quem se fala).

Na subseção 1.3, deste artigo, intitulada *Mecanismos indicadores de grau*, mostrei que Cegalla atribui dois graus ao substantivo: o aumentativo e o diminutivo. Para ele, o processo ocorre sinteticamente ou analiticamente. O processo sintético, como vimos, ocorre com o acréscimo de sufixos junto a bases substantivas. Entre os sufixos apontados pelo gramático como indicadores de grau, dois foram identificados pelos alunos no conto analisado, a saber: -*aça/ -aço e -ão*.

O processo analítico, segundo o autor, ocorre quando um substantivo é acompanhado por um adjetivo. O estudioso exemplifica com o adjetivo *grande*, porém frisa que podem ocorrer outros equivalentes. Encontrei os registros que seguem no conto: *povaréu imenso, carreira grande e cousa bárbara*.

Quanto ao grau do adjetivo, Cegalla divide em comparativo e superlativo. O grau comparativo deve apresentar determinadas estruturas linguísticas como mostra o quadro a seguir:

Comparativo de igualdade:	Tão, como ou quanto.
Comparativo de superioridade:	Antepõe o advérbio <i>mais</i> e pospõe a conjunção <i>que</i> ou <i>do que</i> ao adjetivo.

Fonte: Cegalla (2008, p. 169)

Todos os estudantes, sem exceção, que participaram dessa pesquisa reconheceram a intenção do escritor Simões Lopes Neto ao estabelecer a relação de comparação nas seguintes expressões:

“*Lindaça como o sol, fresca como uma rosa!...*”

“(...) *lustrosos como dente de cachorro novo.*”

“(...) *macios como treval, doces como mirim, frescos como polpa de guabiju...*”

“(...) *grandes como um pires...*”

“(...) *ligeira como um gato.*”

“(...) *O negro urrou como um touro na capa...*”

Ao levantar outros exemplos não listados no questionário, concluí que, no dialeto do gaúcho campeiro, o mecanismo responsável por esse tipo de relação não é o mesmo evidenciado pelo gramático Cegalla. Tal afirmação leva em conta o sistema de pares *tão*,

como ou quando e mais, que ou do que adotados pelos seguidores da gramática tradicional. Os demais registros seguem elencados de acordo com a ordem em que aparecem no texto:

"..... chinoca airosa,

Lindaça **como** o sol, fresca **como** uma rosa!..."

"Alta e delgada, parecia assim um jerivá ainda novinho, quando balança a copa verde tocada de leve por um vento pouco, da tarde."

"Os olhos da Tudinha eram assim a modo olhos de veado-virá, assustado: pretos, grandes, com luz dentro, tímidos e ao mesmo tempo haraganos... pareciam olhos que estavam sempre ouvindo..., ouvindo mais, que vendo..."

"A piguancha relanceou os seus olhos de veado assustado e não se deu por achada; ele repetiu o convite da aposta e ela então - depois explicou - de puro medo aceitou, devendo ganhar uma libra de doces, se ganhasse o tordilho."

"Depois rompeu um vozerio, a gente desparramou-se, parecia um formigueiro desmanchado; as parcerias se juntaram, uns pagavam, outros questionavam.... mas tudo se foi arreglando em ordem, porque ninguém foi capaz de apontar mau jogo."

Como se vê, o gaúcho campeiro vale-se, na maioria dos casos, da conjunção *como* quando surge a necessidade de estabelecer comparações entre seres. Constatei, ainda, o uso demasiado de comparações entre um e vários outros seres com características semelhantes. Parece-me uma característica peculiar do linguajar do gaúcho campeiro, visto que o narrador utiliza diversas vezes essas comparações distintas no decorrer do conto. Veja:

"Face cor de pêssego maduro; os dentes brancos e lustrosos **como** dente de cachorro novo; e os lábios da morocha deviam ser macios **como** treval, doces **como** mirim, frescos **como** polpa de guabiju..."

"(...) ajoelhou-se ao lado do corpo e pegando o facão como quem finca uma estaca, tateou no negro sobre a bexiga, pra baixo um pouco - vancê compreende?... - e uma, duas, dez, vinte, cinquenta vezes cravou o ferro afiado, **como** quem espicaça uma cruzeira numa toca... **como** quem quer estraçalhar uma causa nojenta... **como** quem quer reduzir a miangos uma prenda que foi querida e na hora é odiada!..."

Já o comparativo de superioridade segue o mesmo sistema de pares adotados pelos estudos de cunho tradicional:

"É verdade também que ele estava todo esfuracado: a cara, os braços, a camisa, o tirador, as pernas, tinham **mais** lanhos **que** a picanha de um reiúno empacador: mas não quebrava o corincho, o trabuzana!"

“*Estancieiras ou peonas, é tudo a mesma cousa... tudo é bicho caborteiro...; a mais santinha tem mais malícia que um sorro velho!...*”

Ainda acerca do adjetivo, Cegalla (2008) cita o grau superlativo absoluto sintético e relativo. Como mostrei anteriormente, o dialeto em estudo adota outras estratégias superlativas para expressar o grau absoluto sintético. O processo morfológico evidenciado resume-se em dois morfemas: *-aço e -ão*. Os sufixos *-aço* e *-ão* aproximam-se tanto de bases substantivas quanto de bases adjetivas.

Dessa forma, com exceção do comparativo de superioridade, as demais formas de marcar a gradação parecem não apresentar nenhuma semelhança com a superlativação latina empregada em nossas gramáticas normativas. Tal fato não desmerece a intensificação usada na região campeira do Rio Grande do Sul, pois tais recursos linguísticos cumprem com o seu papel comunicativo com eficácia.

Por fim, observei as ocorrências do grau absoluto relativo. Cegalla (2008, p.170) explica que, nesse caso, o grau é expresso por meio dos advérbios *muito, extremamente, excepcionalmente* entre outros. Observa, ainda, que o advérbio deve sempre vir anteposto ao adjetivo. O mesmo ocorre no dialeto investigado, porém com o advérbio *muito* sempre em sua forma abreviada *mui*. São exemplos: *mui lindos, mui bem tosado, mui refestelada, mui bem compostos e lindos e mui altos*.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados da aplicação da atividade foi realizada levando em conta o número de ocorrências de um determinado vocábulo. Somente na questão número seis (6), adotei o cálculo com porcentagem.

Primeiramente, mencionei as questões de acordo com a ordem em que aparecem na pesquisa, e em seguida aponte o resultado obtido com base nas respostas dos alunos.

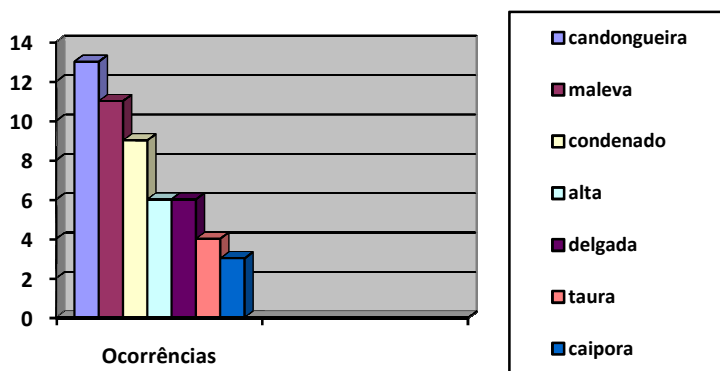
QUESTÃO 1

No início do conto, são apresentados os protagonistas da história: o negro e a Tudinha. O autor utiliza palavras e expressões para caracterizar positiva e/ou negativamente os personagens. Liste quais foram as palavras ou expressões empregadas pelo autor do texto para qualificar ou caracterizar esses personagens.

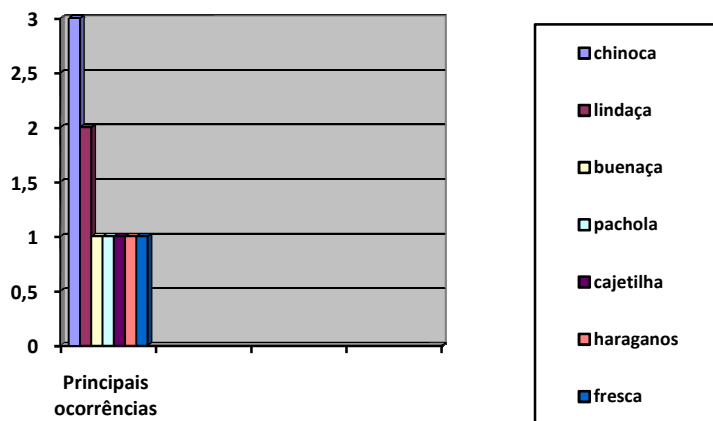
Os estudantes, de um modo geral, localizaram adjetivos ou substantivos seguidos de adjetivos. Embora a questão não mencionasse a classe gramatical adjetivo, todos compreenderam e selecionaram somente vocábulos qualificadores. É importante registrar que todos os termos apontados pelos alunos exercem a função de adjetivo tanto isoladamente quanto no contexto. Em menor ocorrência, como mostra o gráfico 3, os alunos indicaram também expressões comparativas como indicadoras de características físicas da personagem principal Tudinha.

Adjetivos isolados:

Gráfico1

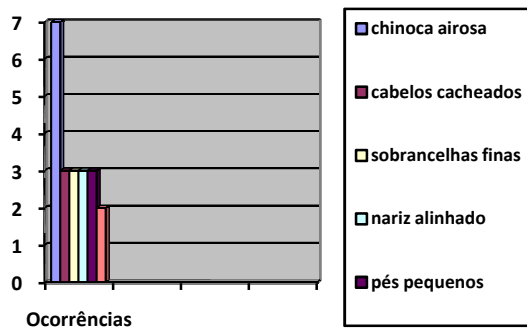


Continuação gráfico 1



Substantivos seguidos de adjetivos:

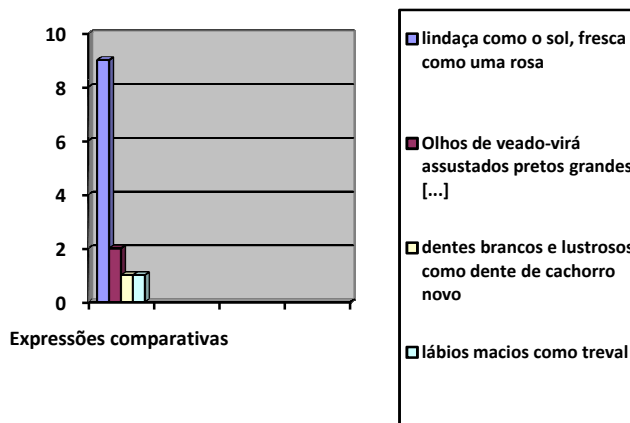
Gráfico 2



Verifica-se uma ocorrência significativa do substantivo *chinoca* seguido do adjetivo *airosa*. A incidência desses vocábulos pode ser atribuída ao fato do termo *chinoca* ser muito utilizado no Rio Grande do Sul, em especial, pelos gaúchos que moram em cidades da fronteira. É importante frisar, ainda, que as músicas tradicionalistas contribuem significativamente para a popularização do substantivo em questão, visto que a mulher gaúcha constantemente serve de inspiração para composições gauchescas.

Expressões comparativas:

Gráfico 3



O gráfico 3 mostra que o gaúcho campeiro dispõe ainda de expressões comparativas quando surge a necessidade de qualificar personagens, neste caso, a personagem principal Tudinha. Como vemos, os alunos selecionaram trechos que estabelecem uma relação de comparação com outros seres que apresentam características em comum. Atendendo, assim, ao que foi solicitado na questão.

QUESTÃO 2

Leia o trecho abaixo e, a seguir, procure descrever brevemente o significado das palavras em destaque.

(...) Em quatro paletadas, desmunhecando uns, cortando outros, esgaravatando outros, enquanto o diabo esfrega o olho, o chão ficou **estivado** de gente **estropiada**, espirrando a **sangueira** naquele reduto.

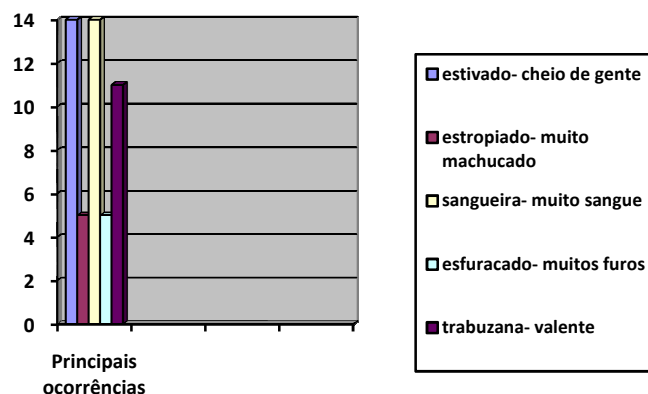
É verdade também que ele estava todo **esfuracado**: a cara, os braços, a camisa, o tirador, as pernas, tinham mais lanhos que a picanha de um reiudo empacador: mas não quebrava o corincho, o **trabuzana**!

Com essa questão, objetivei averiguar o conhecimento lexical do dialeto campeiro rio-grandense. Para tanto, selecionei três adjetivos e dois substantivos. Tal classificação gramatical foi realizada levando em conta o contexto em que estão inseridos os vocábulos. Assim, o vocábulo *trabuzana*, por estar antecedido por artigo, sofreu o processo que chamamos substantivação, sendo, portanto, catalogado como substantivo.

Os estudantes, de um modo geral, demonstraram muita dificuldade em atribuir sentidos aos termos em destaque. Muitos alunos recorreram ao glossário disponibilizado durante a realização dessa pesquisa. Uma minoria afirmou ter levado em conta o contexto ao indicar os sentidos dessas palavras. Esperava-se por esse estranhamento, devido ao fato de serem estudantes residentes da zona urbana do estado do Rio Grande do Sul.

Pela ordem em que aparecem no trecho, apresento os principais sentidos evidenciados:

Gráfico 4



De acordo com o glossário elaborado a partir do Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul, os termos em destaque apresentam os seguintes significados:

Estivado, adj. Cheio, repleto.

Estropiado, adj. Diz-se do animal sentido dos cascos, com dificuldade de andar.

Sanguera, s. Grande quantidade de sangue, sangueira.

Esfuracar, v. furar, esburacar.

Trabuzana, s. Indivíduo destemido, valente, brigador, audaz, desabusado, alarife, ventana, torena, taura, sacudido, disposto, capaz de tudo, sem temer a coisa alguma.

Embora não tenha atingido meu objetivo inicial, a atividade foi bastante proveitosa, pois possibilitou o conhecimento de novos termos e conseqüentemente a ampliação do conhecimento do dialeto em estudo.

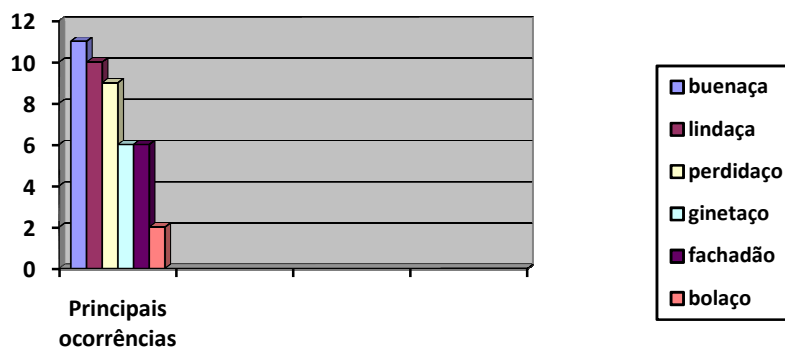
QUESTÃO 3

O autor Simões Lopes Neto faz uso de uma série de palavras e expressões para exprimir quantidade e intensidade de nomes. Identifique essas palavras e expressões.

Conforme mencionei na seção 4, os sufixos *-aça/ -aço* e *-ão*, quando se juntam a bases nominais, atribuem traços de intensidade aos nomes. Como mostrei no gráfico 5, os alunos, utilizando o seu conhecimento semântico da língua, reconheceram o morfema indicador de tal traço. É importante registrar que, durante a realização das atividades, não foram oferecidas gramáticas ou livros didáticos para a consulta de sufixos.

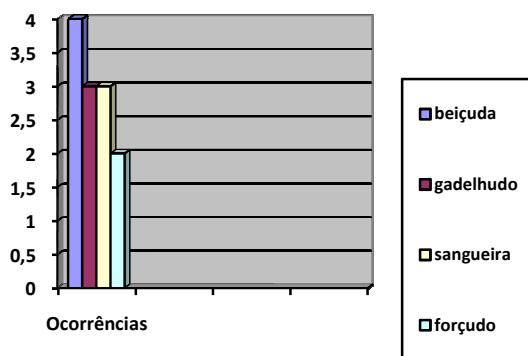
Com base nas respostas dos estudantes, ordenei as principais ocorrências dos vocábulos que atendem ao traço de intensidade.

Gráfico 5



A questão solicitava ainda que fossem apontadas palavras e expressões que indicassem quantidade. Os alunos indicaram palavras com o acréscimo dos sufixos nominais *-uda/ -udo* e *-eira*. Como sabemos, os sufixos *-uda/ -udo* apresentam conotações de quantidade. O sufixo *-eira*, nesse caso, também apresenta o sentido de abundância ou quantidade. Veja:

Gráfico 6

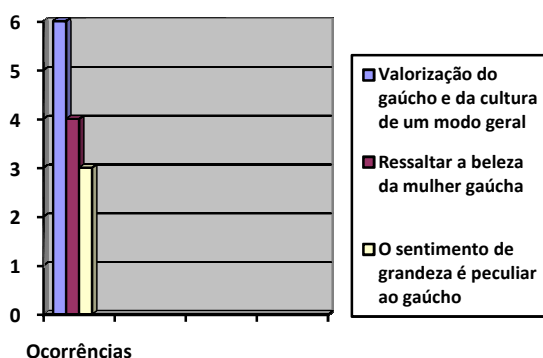


QUESTÃO 4

Com base na resposta anterior, e levando em conta o contexto em que as palavras de sentido aumentativo ocorrem, explique qual foi a intenção do escritor ao fazer uso desses aumentativos?

Os discentes atribuíram o uso demasiado de vocábulos e expressões aumentativas ao fato de o gaúcho supervalorizar a beleza da mulher gaúcha, a cultura e as suas tradições.

Gráfico 7

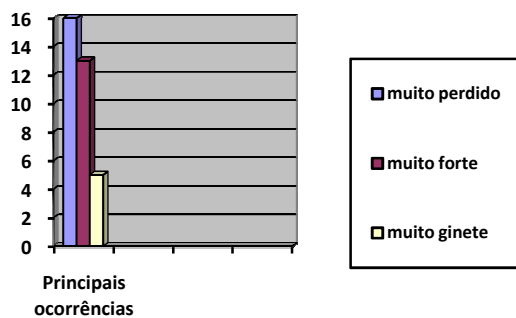


QUESTÃO 5

Passe os adjetivos perdação, forçado e ginetaco para o grau superlativo analítico.

O alunado não demonstrou maiores dificuldades ao realizar a questão 5, visto que já haviam revisto o conteúdo grau do adjetivo durante o 1º trimestre do ano letivo de 2013. Assim sendo, os estudantes empregaram com precisão o advérbio *muito* ao passarem os adjetivos para o grau superlativo analítico. Houve algumas variações em relação à ordem em que aparece o advérbio de intensidade *muito*, todavia todos empregaram tal mecanismo intensificador.

Gráfico 8



QUESTÃO 6

No conto em estudo, as seguintes expressões foram empregadas com a finalidade de estabelecerem qual tipo de relação?

- () causa e consequência
 () comparação
 () concessão

“Lindaça como o sol, fresca como uma rosa!...”

“(...) lustrosos como dente de cachorro novo.”

“(...) macios como treval, doces como mirim, frescos como polpa de guabiju...”

“(...) grandes como um pires...”

“(...) tinham mais lanhos que a picanha de um reiuno empacador....”

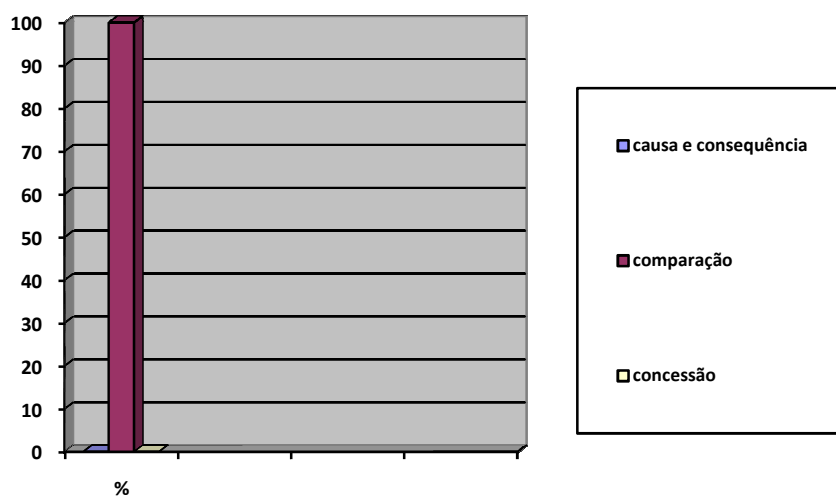
“(...) ligeira como um gato.”

“(...) O negro urrou como um touro na capa...”

Embora o escritor Simões Lopes Neto não empregue o sistema de pares *tão*, *como* ou *quanto* para frases comparativas, os dezesseis estudantes não hesitaram ao atribuírem o sentido de comparação aos trechos selecionados do conto.

Ao contrário dos demais gráficos, devido à unanimidade, expresso o resultado através do percentual identificado nos dados, como mostra o gráfico 9, abaixo.

Gráfico 9



Como se vê no gráfico 9, todos os estudantes envolvidos na pesquisa, identificaram o sentido de comparação evidenciado unicamente pela conjunção *como* quando duas ou mais características são semelhantes entre si.

Tendo apresentado as análises qualitativa e quantitativa, bem como os resultados obtidos com essas análises, passo para a seção de conclusão do presente trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise realizada ao longo dessa pesquisa possibilitou encontrar registros no dialeto gaúcho que comprovassem que além da atribuição de intensidade a substantivos, adjetivos e advérbios, o gaúcho ainda dispõe de estruturas próprias e exclusivas para manifestar esse fenômeno. Para tanto, recorri, primeiramente, aos registros da expressão do grau na gramática latina e posteriormente verifiquei a marcação do grau em gramáticas normativas de Língua Portuguesa. Assim, ficou evidente que os gramáticos tradicionais adotaram as mesmas classificações latinas quanto aos paradigmas de flexão e derivação, sem qualquer reflexão sobre as peculiaridades da Língua Portuguesa.

Com vistas a ampliar os estudos realizados pelos teóricos tradicionais, apresentei as contribuições do linguista Mattoso Câmara Jr. Em seguida, com base nos dados coletados em uma turma de Ensino Médio acerca da expressão do grau no dialeto gaúcho, passei a uma discussão que culminou na constatação de que, com exceção do grau comparativo de

superioridade, as demais expressões gradativas encontradas são radicalmente diferentes do paradigma prescritivo até agora oferecido pelos normatizadores tradicionais da língua. Além disso, os valores semânticos dos morfemas *-aço* e *-ão* são bem mais amplos do que os apontados pelos estudos tradicionais.

Por fim, sugiro que se criem situações de ensino-aprendizagem que sejam mais sintonizadas com a realidade linguística do aluno, com particular atenção ao uso do superlativo absoluto sintético.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. São Paulo: Nacional, 1987.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37ª ed. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2007.
- CALDAS, Aulete. **Dicionário da Língua Portuguesa**. 5ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1987.
- CÂMARA JR., JM. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CÂMARA JR., JM. **Estrutura da Língua Portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**. 48ª edição. São Paulo, 2008.
- CUNHA, Celso; CINTRA Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5ª ed. Lexikon, 2008.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro. **Dicionário eletrônico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- LUFT, C. P. **Moderna gramática brasileira**. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- LUFT, C. P. **Novo Manual de Português**. 17ª ed. São Paulo: Globo, 1991.
- NETO, Simões Lopes. **Contos gauchescos**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2011.
- SANTOS, A. **Polissemia dos sufixos aumentativos: -ão, -orro, -aço e -uço e seus traços avaliativos sob a perspectiva diacrônica**. 2010. 329 f. Tese (Mestrado em Letras)-Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SITES

<http://www2.ufpel.edu.br/pelotas/glossario.html>

Acesso em 04/12/2013